

ADOLFO LUTZ E A MEDICINA VETERINÁRIA

POR

CICERO NEIVA

Biologista do Instituto Adolfo Lutz;

Professor Catedrático de Terapêutica, Farmacologia e Arte de Formular
da Escola de Medicina Veterinária de São Paulo.

Em nosso país o estudo e a observação das doenças dos animais domésticos conservaram-se, por longo tempo, sem o estímulo oficial de sucessivos governantes. Sòmente ao findar a primeira década do século atual é que veio o Brasil a possuir, no âmbito federal, a primeira organização de amparo aos animais domésticos. Já existia, no Império, de acôrdo com a lei n.º 1067, de 28 de julho de 1860, a Secretaria dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Mas o atual Ministério da Agricultura, criado pela lei n.º 1606, de 29 de dezembro de 1906, começou a funcionar cêrca de três anos depois (dec. n.º 7501, de 12 de agosto de 1909). Data de 31 de dezembro de 1910, a instalação do Serviço de Veterinária que se distribuía, pelos estados, em 11 inspetorias, estas aparelhadas para exames clínicos, microscópicos e bacteriológicos. Por essa primeira década, já em funcionamento o Instituto de Manguinhos, ali se faziam pesquisas sôbre certas doenças animais, salientando-se, então, o trabalho de Godoy e Faria com a descoberta da vacina contra o carbúnculo sintomático, fato que estabeleceu, em definitivo, a profilaxia da chamada peste de manqueira dos bovinos. Outra contribuição notável da casa de Oswaldo Cruz, a de Parreiras Horta, assistente do Instituto: o diagnóstico da epizootia de raiva que grassava em bovinos e eqüinos de Biguaçu, no estado de Sta. Catarina.

São Paulo já dispunha de serviço veterinário no Pôsto Zootécnico Central, êste criado pelo dec. n. 1460, de 10 de abril de 1907, e, mais tarde, da Diretoria de Indústria Animal instalada por fôrça do dec. n.º 1757A, de 27 de julho de 1909.

A primeira escola de medicina veterinária do mundo surgiu em 1792, fundada por Claude Bourgelat, em Lyon, na França, que, dois anos mais tarde, possuía outra escola congênere, a de Alfort. Sucessivamente apareceram as escolas de Copenhague, na Dina-

marca; de Turim, na Itália; de Berlim, na Alemanha; de Londres, na Inglaterra; de Boston, nos Estados Unidos. O Brasil teve, no reinado de Pedro II, em Pelotas, no Rio Grande do Sul, a Imperial Escola de Veterinária, instalada em 1883. Posteriormente a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, criada pela lei n.º 1606, de 29 de dezembro de 1906, foi inaugurada no Distrito Federal, a 10 de julho de 1913, extinta no ano seguinte, para, de novo, ser restaurada, em 1916, na localidade de Pinheiro, estado do Rio de Janeiro. No nordeste brasileiro, já em 1912, funcionava a Escola de Agronomia e de Veterinária, de São Bento das Lages, em Pernambuco.

São Paulo, somente em 1920, iniciou curso regular para formação de veterinários, no Instituto de Veterinária do Estado, criado pela lei n.º 1695-C, de 18 de dezembro de 1919.

Contemporaneamente ou pouco antes dessas datas citadas eram estrangeiros os médicos veterinários existentes no território nacional. Mesmo na organização oficial do Ministério da Agricultura os cargos privativos desses profissionais eram ocupados por elementos estranhos à profissão. O primeiro médico veterinário brasileiro, nomeado para aquêle Ministério em 1911, foi o dr. Epaminondas de Souza, que, diplomado pela Universidade de Cornell, nos Estados Unidos, já desempenhava, desde 1904, o cargo de veterinário da municipalidade de Juiz de Fora, Minas Gerais.

LUTZ, pioneiro sábio e incansável da medicina veterinária no Brasil, fêz, entre nós, numerosas observações, contribuindo para o conhecimento de entidades nosológicas animais. Estudou-as, procurando, com as luzes da ciência médica, discernir, orientar, diagnosticar e apontar-lhes o tratamento. A medicina veterinária nacional, até então, praticamente desconhecida, abriu horizontes largos, ilustrando-os de conhecimentos que, fartamente, distribuía, norteando os vindouros na senda difícil da zootéria. Não lhe bastavam as tarefas, os exames, as diagnoses quase que diárias de casos de patologia humana; dirigia-se à zootéria, mesmo à custa de muito esforço, para investigar peças e material.

“Já há muitos anos procuramos obter do matadouro as peças pathológicas encontradas na inspecção dos animais cuja carne deve servir para o consumo afim de formar um juizo sobre as molestias encontradas no gado.

Só este anno conseguimos por intermédio do dr. Mocney-Suffren, n'este tempo veterinario do matadouro, obter peças das seguintes molestias, confirmando por meio do microscopio o diagnostico macroscopico já feito na occasião da matança”.

A peste de cadeiras, protozoose sanguínea dos eqüinos, foi, pela primeira vez, observada no Brasil, por LUTZ, que, comissionado para tal, estudou-a em regiões do norte, notadamente na ilha de Marajó, no estado do Pará. Depois de refutar opinião de ser a cisticercose causa da doença, comparou o parasita encontrado no sangue dos eqüinos dos campos marajoaras com os de duas outras tripanossomoses — surra e nagana — já conhecidas, para concluir pela afirmação de ser *Trypanosoma equinum* o agente etiológico da parasitose, flagelado descrito por Elmassian, em 1901, no Paraguai, em doença semelhante. Identificada a doença animal continuou a pesquisar-lhe o modo de transmissão. Experimentou a passagem do flagelado por vários animais, quase sempre com resultados positivos: em símios da fauna amazônica, com reprodução do cortejo característico de sintomas; na preguiça, muito sensível ao parasita; em cobaios, pouco sensíveis; em cães, em cotias, em gambás, de sensibilidade média; em camundongos, em ratos selvagens. Nas capivaras observou a doença espontânea, fato, até então, inédito, e considerou-as reservatórios naturais do tripanosoma específico, a transmissão sendo possível aos eqüinos por meio de insetos sugadores de sangue. No combate à peste de cadeira empregou matérias corantes, sais de mercúrio, iodeto de potássio, e, afinal, atoxil, êste último ainda hoje de escolha para o tratamento de tripanossomoses animais. Mais se salienta a profilaxia recomendável: evitar a introdução de animais doentes, eliminação de eqüinos portadores, e extermínio das capivaras. Confessa que certos imprevistos impediram maiores resultados, pôsto que o trabalho realizado represente boa base para novos estudos.

As pesquisas sôbre protozooses sanguíneas continuavam e LUTZ examinava, sempre, eritrócitos de numerosas aves. Nas vinte ordens existentes entre nós encontrou nove parasitadas pelos hematozoários, que, até então, só eram conhecidos em quatro. Entre tico-ticos, cêrca de 50% dos examinados, abrigavam parasitas endoglobulares. Socós e jaburus revelavam plasmódios, diferenciáveis dos de Laveran pela forma alongada e pela pigmentação. Êsses protozoários pareciam não molestar as aves. Ainda em protozooses de outros animais referiu-se à piroplamose bovina, encontrada nas zonas quentes do Brasil e transmitida por intermédio de carrapatos do gênero *Boophilus*. Em bovinos nativos ocorre de forma excepcional, pagando maiores tributos o gado exótico. Observou, ainda, nos caninos, o nambiuvu, e, nas galinhas, a espirilose.

Durante a estadia no norte do país em visita à fazenda Santa Cruz, de Óbidos, município paraense, observou, pela primeira vez no Brasil, doença de eqüinos, frequente na região, porém desconhecida na ilha de Marajó.

"Esta molestia é conhecida pelo nome de cara inchada, porque o symptoma que mais chama a attenção, consiste numa tumefacção situada nos dous lados da cara entre os olhos e as narinas. Pela palpação nota-se que não depende das partes molles, mas de uma alteração, do proprio osso. Vi 6 ou 7 cavallos soffrendo d'esta molestia, dos quaes um ficou em observação para ser tambem infectado com o trypanosoma causador da peste de cadeiras. Este mais tarde veiu a fallecer com os symptomas do quebrabunda, fornecendo-me a occasião de fazer a autopsia e de examinar e conservar o craneo, que apresentava as lesões bem caracterisadas, embora não tivesse alcançado do mais alto grau".

Por parte de LUTZ mereceu a cara inchada acuradas investigações não apenas no local como, também, em São Paulo, onde continuou a estudar a etiologia ainda desconhecida, pôsto que várias teorias, então estabelecidas, procurassem explicar a causa da entidade nosológica. Considerou, em trabalhos experimentais, os microorganismos ultravisíveis, porém os resultados obtidos depunham contra essa hipótese; examinou a ação de insetos sugadores, pondo-a de lado; referiu-se a helmintoses capazes, segundo se afirmava, de produzir a cara inchada, mas condicionou tal suposição à influência dos alimentos; não aceitou a acusação levantada à origem hídrica; achou probabilidades favoráveis, logo no início, de processo deficitário, capaz de ceder, além de tratamento adequado, à mudança de rações e de locais. Cauteloso em suas conclusões, LUTZ afirmou:

"Nem a theoria parasitaria nem a alimentação podem ser acceitas sem provas melhores e em todos os ossos precisamos de estudos ulteriores para chegarmos a uma solução de finitiva desta questão difficil. Convem multiplicar as observações e registrar-as com cuidado e todos os criadores que têm occasião de ver casos podem contribuir para este fim."

Até 1897, no Brasil, nenhuma referência havia de *Trichinella spiralis*, devendo-se interpretar como de cisticercose os diagnósticos até então existentes de triquinelose suína. Parece, mesmo, que no homem, até hoje, a presença de *T. spiralis*, em nosso país, foi somente provada, pela primeira vez, em achado de autópsia de estrangeiro, na capital paulistana (De Cunto Jr., 1938). No

trabalho publicado, em 1888, aborda LUTZ a profilaxia da triquinose; indica a profilaxia; os perigos do consumo da carne de porco; e faz considerações sobre prognóstico e tratamento do parasita, à base experimental, no homem.

A diagnose de cisticercose em bovinos e em suínos na cidade de São Paulo, suscitou celeuma na imprensa local, pois os jornais da época declaravam tuberculosa a carne desses animais, contrariando, portanto, a afirmação do diretor do Instituto Bacteriológico. Examinando as peças viu pequenos focos caseosos e calcificados, de parasitas mortos e degenerados, sem negar, contudo, a existência de possíveis larvas vivas, que, se ingeridas por seres humanos, carregariam *Taenia solium*. Desde 1885, LUTZ observara, em Limeira, a presença de *Cysticercus cellulosae* em suínos, assim como outros parasitas transmissíveis de animais ao homem.

Nas ilhas do Hawaii investigou LUTZ a fasciolose bovina onde teve oportunidade de observar *Fasciola hepatica* em epizootia local. Estudou, por completo, o ciclo evolutivo do trematódeo e experimentou a transmissibilidade do verme em cobaias, obtendo-a pela primeira vez, além de a verificar em cabras, em ratos e em coelhos.

“O Instituto Bacteriológico não se limitou ao estudo das infecções bactericas, que só representam uma parte, embora importantíssima, das molestias devidas a microbios.

Precisamente nos paizes quentes ha muitas molestias verminosas, outras devidas a protozoarios e outras devidas a fungos maiores. Por isso, e na falta de outros estabelecimentos locais que se occupassem destes assumptos, tornou-se um laboratorio de parasitologia onde se estudavam todas as especies animais e vegetaes que entre nós provocam molestias do homem, dos animaes domesticos e mesmo dos outros animaes, quando se tratava de fazer estudos e estender os conhecimentos das especies parasitarias”.

(Relatório de 1892 a 1908)

Outras parasitoses verificadas por LUTZ em animais domésticos: a estefanurose em suínos; equinococose em cotia; *Ascaris mystax* e *Taenia elliptica* em cães e gatos; *T. crassicolis* no gato; *T. diminuta* e *T. murina* no rato; descrição de *Distoma ophisthorias*, espécie nova, no gambá; em suíno, de *Rhabdonema (Strongyloides)*, esta, possivelmente, diferente da outra espécie parasita do homem, já conhecida.

Na notável contribuição ao conhecimento dos estrídeos brasileiros relata LUTZ a presença da mosca de *Oestrus ovis* no Distrito Federal. Foi verificado o parasitismo das larvas do inseto em

carneiros nacionais de Petrópolis, Rio de Janeiro, e de Três Corações, Minas Gerais. A parasitose teria sido importada pela introdução, no Brasil, de ovinos do Rio da Prata.

Estudou LUTZ aspergilose em pássaros do biotério do Instituto Bacteriológico. Isolou de lesões pulmonares o fungo e conseguiu reproduzir a parasitose em outras aves. Também observou a actinomicose num bovino abatido em matadouro de São Paulo.

“A nossa intenção de colher material geographico e historico sobre as molestias infecciosas e endemicas observadas neste estado, tanto no homem, como nos animaes domesticos, encontra muitos obstaculos. Não pode ser realisada de um modo proveitoso sem que o pessoal do Instituto tenha muito mais facilidade para percorrer os lugares do interior”.

Em março de 1897, LUTZ e Mendonça publicaram observações de infecção mormosa em animais do serviço de bondes da antiga Companhia Paulista de Viação, com sintomas e lesões descritos minuciosamente, e, confirmando os exames clínicos e patológicos, o isolamento do agente etiológico, *Malleomyces mallei*, de material purulento. Conseqüência da identificação do germe entre os mueres doentes, as palavras conscienciosamente avisadoras:

“Não conhecemos exemplo do mormo humano entre nós, mas será bom que os clinicos se lembrem da possibilidade de apparecer factos desta ordem e tambem convem formar medidas para prevenir a extensão desta molestia que não só produz prejuizos materiaes mas tambem é um perigo constante para o homem”.

Não seriam êsses os primeiros casos de mormo vistos em território paulista, pois certa epizootia eqüina, ocorrida antes, sem elucidação completa, apresentava as mesmas características.

Em 1894, investigando a causa de doença de galinhas, encontrou, nestas aves, bactérias que se diferenciavam do germe da difteria humana. Três anos depois volta a tratar da doença estudando outras aves porém não reconhece, entre os organismos isolados, o agente etiológico da difteria das aves domésticas. Haveria grande tendência na doença animal a complicar-se de invasões secundárias tanto na mucosa oral como na trama tissular. Anteriormente afirmara:

“Quando os focos são situados debaixo da pelle da cabeça, fazendo uma especie de verrugas, ou abcessos caseosos o povo chama a molestia de bouba”.

Verificou a cólera aviária em galinha, diagnosticando a doença pelo exame bacteriológico, positivo para *Pasteurella avicida*. Aliás as observações de LUTZ com referência às pasteureloses animais não se limitaram a essa entidade nosológica. Conseguiu isolar de dois bovinos, possivelmente atacados de septicemia hemorrágica, outra *Pasteurella*, de patogenia idêntica para aves e para coelhos.

Ainda em suínos refere-se à pneumenterite, que, em 1896, sob forma epizootica, grassava em vários pontos do estado.

Pela passagem de material de um gato em coelho e cobaio, identificou LUTZ a raiva, em 1892. Seguidamente outros casos de animais raivosos chegavam ao Instituto para o competente diagnóstico, trabalho ao qual nunca se furtou o grande pesquisador:

“Comquanto estes exames não pertençam exactamente ao domínio da bacteriologia e não deixem de offerecer certos perigos, nunca hesitei de fazel-os por faltar outro lugar competente e pretendo continuar esta praxe”.

ADOLFO LUTZ nunca hesitou diante das tarefas que surgiam, quotidianamente, no seu labor científico, e juntou ao vasto cabedal de estudos e de pesquisas, e pesquisas e estudos sobre numerosos problemas, quase todos desconhecidos da medicina veterinária indígena, revolvendo-os e com indicações dos meios de diagnóstico, de profilaxia e de terapêutica, não apenas de entidades nosológicas transmissíveis ao gênero humano como de doenças próprias dos animais domésticos.

BIBLIOGRAFIA

- DE CUNTO Jr., J. — 1938 — Primeiro caso, no Brasil, de triquinose de localização cervical. Arq. Biol. 22 (21): 202-207.
- GODOY, A e J. GOMES DE FARIA. — 1908 — Sobre novo processo de vacinação contra o carbunculo symptomatico. Memoria apresentada ao VI Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia. Rev. Med. S. Paulo 11 (16): 332-348.
- PARREIRAS HORTA, P. F. — 1911 — A epizootia de Biguassú. Rev. Vet. Zoot. 1 (1): 5-29.